



LÍDER DO PDT no Senado, Peres critica reformas e diz que política econômica é ponto alto do governo

Desilusões de um líder que apostou no PT

Para senador do PDT, ética é um dos desafios do governo

PAULO DE TARSO LYRA

BRASÍLIA - Líder do PDT no Senado, Jefferson Peres (AM) está decepcionado com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Diante da bancada de cinco senadores, comanda uma resistência às ações do governo. Diverge das críticas feitas pelo cacique do partido, Leonel Brizola, quanto à condução da política econômica do Executivo. Para Peres, o problema é ético.

Peres esperava outros tempos. Sonhava que a chegada do PT, um partido que sempre desfraldou a bandeira da ética, inauguraria uma nova era na relação entre o Congresso e o Executivo. Um debate político, com limites rígidos e blindagem para áreas estratégicas, como Saúde e Educação.

- O governo loteou a Funasa (Fundação Nacional da Saúde). Não concordo, não me agrada, não dentro de um governo do PT - lamentou.

Comanda uma bancada afinada, sem dissidências. Não transige nas críticas ao governo. Evita, contudo, classificar a ação do PDT como uma oposição à esquerda, lembrando que esses conceitos perderam a nitidez ao longo dos anos. Para Peres, na política atual, os dois campos se misturam.

- Me recuso a assumir uma rotulagem ideológica - completou.

Economista pós-graduado pela Fundação Getúlio Vargas, no Rio, Peres vê acertos na política macroeconômica desenvolvida pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Considera este o ponto alto da administração Lula até o momento, o que evitou o mergulho do país em uma profunda crise logo nos primeiros meses. Quanto às reformas - da Previdência e tributária - reduz o entusiasmo.

- A reforma da Previdência poderia ser a longo prazo, com uma visão menos fiscalista, respeitando os direitos adquiridos.

Para o senador, os atuais servidores, ao prestar concursos para ingressar no serviço público, basearam-se em regras pré-existentes. Normas que não deveriam

ser mudadas.

Quanto à reforma tributária, a avaliação é mais drástica.

- Não reduz a carga tributária e tampouco equilibra o peso dos tributos já existentes - ataca.

Em sua visão, uma reforma na essência tributária passaria, necessariamente, pela criação de um imposto único, federal, incidindo sobre as movimentações financeiras. Ao lado dos impostos sobre importação e exportação, estaria composta a cesta tributária cobrada pela União. Nesse cenário, ficam mantidos os impostos estaduais e municipais.

Peres não se eximiu de elogiar o ministro das Comunicações, Miro Teixeira. Mas reconhece que a decisão da Executiva Nacional do PDT de romper com o governo federal deixa o ministro das Comunicações numa posição embaraçosa.

- Só há duas soluções: ou Miro entrega o cargo ou dei-

xa o partido - lamentou.

Ao sair do plano político e olhar para a trajetória pessoal, Jefferson Peres (AM) não se cansa de repetir que é surpreendente o fato de conseguir eleger-se para cargos públicos, apesar de sempre ter tido vocação política. A rigidez ética com que julga o PT procura transferir para a própria carreira política.

- Não uso a máquina, não tenho dinheiro para campanhas. Meus votos são garantidos pela mobilização espontânea dos eleitores - enfatiza.

A trajetória política do senador manauara é atípica. Exerceu dois mandatos de vereador - em 1988 e 1992 até que, em 1994, decidiu concorrer ao Senado.

- Eu era uma zebra. Minha eleição foi um aborto da sorte - recorda Peres.

Apoiou-se nos votos de Manaus e, principalmente, dos formadores de opinião. Admite que, nos dois plei-

tos, foi esmagado no interior do Estado. Aposta nas campanhas pela televisão.

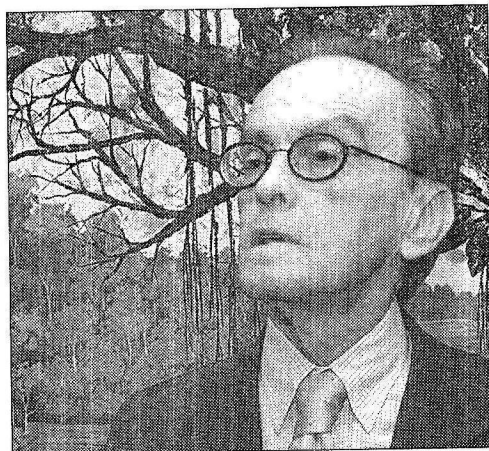
- Odeio comícios - explica.

Ex-tucano, deixou o PSDB em 1999 insatisfeito com a reeleição de Fernando Henrique Cardoso e filiou-se ao PDT. Diz que a política está no sangue e fascina-se com a responsabi-

lidade de trabalhar pela vida de milhões de pessoas. Acha que todo político deveria ter em mente o cuidado com algo que não lhe pertence. Por isso, precisaria ter um zelo ainda maior - o que nem sempre acontece, reconhece.

Amante da dança romântica, rostinho colado, gosta também de ler, mas lamenta não ter tempo para esse último hobby. Frustrações? Tem apenas uma: aos 71 anos, acha que não conseguirá exercer um cargo Executivo.

- Eu gostaria de ser presidente da República. Ver se o poder corrompe de fato ou se eu conseguiria colocar em prática o meu estilo de fazer política - filosofou.



"Gostaria de ser presidente da República. Ver se o poder corrompe de fato, ou se conseguiria colocar em prática o meu estilo de fazer política"

"Odeio comícios. Meus votos são garantidos pela mobilização espontânea dos eleitores"

"A reforma da Previdência poderia acontecer a longo prazo, com uma visão menos fiscalista e respeitando os direitos adquiridos"